



NUNES, Bruna. A comemoração do terceiro centenário de Camões no periódico *A estação*. In: *Revista Épicas*. Ano 4, N. 8, Dez 2020, p. 67-87. ISSN 2527-080-X. <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020v8.6787>

## A COMEMORAÇÃO DO TERCEIRO CENTENÁRIO DE CAMÕES NO PERIÓDICO *A ESTAÇÃO*

### THE COMMEMORATION OF CAMÕES' THIRD CENTENARY IN *A ESTAÇÃO* MAGAZINE

Bruna da Silva Nunes<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS  
CAPES

**RESUMO:** Este artigo propõe uma leitura do suplemento comemorativo veiculado n' *A Estação: jornal ilustrado para a família* em razão do terceiro centenário de Luís Vaz de Camões, atentando para como o periódico se integrou aos eventos e publicações realizadas por conta da ocasião em Portugal e, sobretudo, no Brasil. Por meio de pesquisa em fontes primárias, a análise parte da contextualização da revista no sistema midiático em que estava inserida, visando observar as tensões decorrentes da articulação entre o público-alvo projetado em sua linha editorial, mulheres de classes remediadas e abastadas, e o teor do suplemento comemorativo, que destoava do escopo temático e formal da "literatura amena" supostamente dirigida ao público feminino.

**Palavras-chave:** *A Estação*, "literatura amena", Luís de Camões.

**ABSTRACT:** This article offers an analysis of the commemorative supplement published in celebration of the third centenary of Luís Vaz de Camões in the magazine *A Estação: jornal ilustrado para a família*. Therefore, it draws attention to the way this newspaper integrates itself with the events and publications held on the occasion in Portugal and especially in Brazil. Through primary sources research, it also contextualizes *A Estação* in the media system, considering its editorial line's target audience –middle and

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação de Antônio Marcos Vieira Sanseverino. E-mail: bsnunes91@gmail.com. Este artigo é fruto de pesquisa vinculada ao PROBRAL – CAPES/DAAD, desenvolvida em período de doutorado-sanduiche na Ruhr-Universität Bochum.

upper class women. Thus, this study intends to observe the tensions arising from the distinction between the content of the commemorative supplement and the thematic and formal scope of the "mild literature" supposedly aimed at the female audience.

**Keywords:** *A Estação*, "pleasant literature", Luís de Camões.

## **Introdução**

No dia 10 de junho de 1880, comemorou-se o terceiro centenário de morte de Luís Vaz de Camões, que, ao longo desses séculos, havia sido elevado à condição de principal nome da literatura em língua portuguesa. As celebrações dedicadas ao autor de *Os Lusíadas* tomaram as ruas, as casas de espetáculo e as páginas dos jornais, tanto em Portugal como no Brasil. Neste trabalho, proponho uma análise do suplemento comemorativo publicado pelo periódico fluminense *A Estação*: jornal ilustrado para a família, que contou com a colaboração de 54 intelectuais, alguns tendo grande projeção nas letras nacionais. Tal análise foi realizada por meio de pesquisa em fontes primárias nas edições disponibilizadas na Hemeroteca Digital Brasileira. Apesar de ter concentrado os estudos no suplemento comemorativo em homenagem ao terceiro centenário de Camões, lido em minúcia a fim de mapeá-lo temática e formalmente, empreendi, ainda, a leitura de remissões ao suplemento publicadas em outras edições d'*A Estação* e em outros periódicos.

Busquei delinear, assim, as tensões decorrentes da articulação entre o público-alvo projetado na linha editorial d'*A Estação* e o conteúdo publicado no suplemento. Dado que o periódico veiculava, em boa medida, textos considerados próprios ao público feminino – a dita "literatura amena", conselhos de economia doméstica e higiene etc. –, a matéria do suplemento comemorativo destoava desse escopo, apresentando uma discussão sobre um autor canônico cuja obra mais comentada é um poema épico moderno. Por meio deste estudo, penso que seja possível observar não só alguns aspectos da relevância de Camões e de sua obra na cultura brasileira, mas também como sua figura é mobilizada para alavancar os discursos dos colaboradores do suplemento comemorativo e para alçar *A Estação* a um patamar mais elevado entre seus pares na imprensa.

### **1. A comemoração do terceiro centenário de Camões no Brasil**

A comemoração do tricentenário de morte de Camões foi um dos grandes eventos literários e culturais do ano de 1880 no Brasil e em Portugal. Segundo Carlos Cunha, a comemoração portuguesa foi organizada por uma comissão de jornalistas, dentre os quais se destacou Teófilo Braga, responsável por garantir, com a influência do deputado Simões Dias, o reconhecimento do dia 10 de junho como uma festa nacional (CUNHA, 2011, p. 1). Em *As modernas ideias na literatura portuguesa*, Braga defende a importância da celebração dos centenários de grandes vultos históricos como uma forma consciente de solidariedade social; para o autor,

O nome de Camões representa nas literaturas modernas um mundo novo aberto à atividade humana, e o regime da guerra substituído pela expedição marítima, pela descoberta, pelo conflito do trabalho. *Os Lusíadas* acham-se traduzidos em todas as línguas vivas, e Camões tornou-se para todos os espíritos a síntese da vida histórica da nacionalidade portuguesa (BRAGA, 1892, p. 419).

É possível vislumbrar, pois, no posicionamento de Braga, um esforço de atualização da figura de Camões e de sua obra que busca reclamar o quinhão de modernidade de Portugal. Além disso, segundo Cunha (2011), houve uma intensa politização da memória do poeta, cooptada pelos republicanos para atacar a Monarquia, que, por sua vez, manteve-se tão alheia quanto pôde aos festejos.

Se em Portugal a disputa em torno da figura de Camões foi mobilizada pela oposição republicana no enfrentamento ao regime monárquico, no Brasil houve um movimento mais circunscrito ao âmbito literário – o que, certamente, não exclui o seu teor político. Marcelo Corrêa Sandmann, no artigo “As comemorações do tricentenário de Camões no Brasil”, passa em revista os eventos realizados em ambos os países, salientando “um momento notável das relações culturais entre Portugal e Brasil [...]” (SANDMANN, 2003, p. 199). Conforme seu levantamento, “o Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, apoiado pela comunidade portuguesa, seria responsável por alguns dos principais episódios vinculados àquela data festiva” (SANDMANN, 2003, p. 200), incluindo a cerimônia de colocação da pedra fundamental do prédio da instituição no dia 10 de junho de 1880. Esse evento contou com a presença de autoridades importantes, incluindo o Imperador D. Pedro II, e de “uma massa popular

que contemplava o majestoso e comovente episódio” (MARTINS, 1901, p. 50-51 apud SANDMANN, 2003, p. 200).

O Real Gabinete Português de Leitura também foi responsável pela realização de uma sessão solene em homenagem ao poeta no Theatro D. Pedro II<sup>2</sup>, que contou com a participação de diversos intelectuais brasileiros. No evento, a peça *Tu só, tu, puro amor...*, escrita por Machado de Assis, foi encenada pela companhia teatral dirigida pelo ator português Furtado Coelho, que interpretou o papel de Camões. Houve, ainda, um discurso proferido por Joaquim Nabuco e diversas declamações de poemas em homenagem a Camões (SANDMANN, 2003, p. 203).

Para além desse evento, outras casas de espetáculo fluminenses apresentaram programações dedicadas à celebração do poeta. O Theatro São Luiz, sob a direção de Dias Braga e Mattos, apresentou uma “grande festa artística”, contando com a récita do *Hino a Camões*, composto por Cardozo de Meneses, seguida pela representação do drama *Luís de Camões*, de Luís António Burgain (fig. 1). O Theatro Recreio Dramatico, por sua vez, exibiu o *Hino a Camões*, de Cardozo de Meneses, acompanhado pelo propósito dramático *Camões e a história*, escrito especialmente para a ocasião pelo mesmo autor (fig. 2).



<sup>2</sup> Nomes de teatros, periódicos e seções serão grafados em sua forma original. Porém, as citações terão sua grafia atualizada.

Figura 1 – Theatro São Luiz<sup>3</sup>



Figura 2 – Theatro Recreio Dramatico<sup>4</sup>

A comemoração do tricentenário de Camões também ganhou as páginas dos principais periódicos fluminenses. O *Jornal do Commercio*, folha mais tradicional do Rio de Janeiro, publicou um suplemento de quatro páginas em homenagem ao poeta, contando com textos de políticos e intelectuais, como o senador Sousa Dantas, Joaquim Nabuco, Machado de Assis e Joaquim Norberto. A *Gazeta de Noticias*, periódico em ascensão que apresentava uma linha editorial de orientação liberal, com alguma simpatia pelo republicanismo, igualmente dedicou um suplemento a Camões. A essas e outras manifestações na imprensa, publicadas em periódicos noticiosos, como os supracitados, cujos assuntos versavam principalmente sobre a vida política na Corte e se dirigiam a um público-alvo masculino, houve um ponto fora da curva: *A Estação*, uma revista de modas destinada ao público feminino, dedicou um suplemento de doze páginas à comemoração do terceiro centenário de Camões.

## 2. A Estação: jornal ilustrado para a família

<sup>3</sup> Fonte: GAZETA DE NOTICIAS, 1880, p. 8.

<sup>4</sup> Fonte: GAZETA DE NOTICIAS, 1880, p. 8.

Entre os anos de 1872 e 1878, circulou na Corte brasileira a revista francesa *La Saison: journal illustré des dames*, nome que pode ser traduzido para *A Estação: jornal ilustrado das senhoras*. Sendo distribuído pela editora Lombaerts, o periódico era voltado para o público feminino, contendo, principalmente, orientações de moda, permitindo que as mulheres da Corte ficassem mais bem informadas a respeito de quais vestimentas estavam em voga na França para, então, poderem se adequar a esse paradigma.

Em 1879 surge, como aponta Marlyse Meyer (1993), a continuação brasileira de *La Saison*, o periódico *A Estação: jornal ilustrado para a família*, lançado, também, pela editora Lombaerts. Com periodicidade quinzenal, a folha conserva a diagramação, o cabeçalho e a seriação de *La Saison*, tendo seu primeiro número iniciado no ano VIII (fig. 3). Ser vendida como a continuação em língua portuguesa de *La Saison* era, segundo Ana Cláudia Suriani da Silva (2015), uma importante estratégia comercial, pois os editores transferiam os leitores do jornal francês para a publicação brasileira.



Figura 3 – Cabeçalho d’*A Estação*<sup>5</sup>

*A Estação* era dividida em duas partes com paginações independentes, sendo a primeira um caderno de modas e a segunda um suplemento literário destinado à “recreação”, termo utilizado pelos editores. A primeira parte, que continha, geralmente,

<sup>5</sup> Fonte: A ESTAÇÃO, 1879, p. 1.

oito páginas, encerrava a “Chronica da moda” – seção que ocupava a página de abertura do periódico –, gravuras, moldes para confecção, conselhos sobre vestimentas, ilustrações de trajes, sugestões de decoração, dentre outros tópicos relacionados. Essa parte, excetuando-se a “Chronica da moda”, escrita especificamente para a publicação brasileira<sup>6</sup>, era uma tradução da revista alemã *Die Modenwelt* (“O mundo da moda”), empreendimento transnacional da editora Lipperheide que tinha suas páginas traduzidas para ao menos treze idiomas e era distribuída em mais de vinte países (incluindo a França com *La Saison*, o que era mais uma justificativa para Lombaerts estabelecer uma conexão entre *A Estação* e a revista francesa, dado que ambos faziam parte do mesmo empreendimento).

Em editorial publicado na primeira edição tomamos conhecimento do público-alvo d’*A Estação*, que seria “toda mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época” (*A ESTAÇÃO*, 1879, p. 1). Com isso, constatamos uma interlocução com leitoras provenientes de uma classe mediana, de quem era exigido certo cuidado com as finanças e, ao mesmo tempo, apuro nos trajes e elegância. No entanto, de acordo com Suriani da Silva,

*A Estação* também poderia perfeitamente interessar as damas da classe abastada, porque a revista promovia os valores culturais prezados pela própria elite carioca, a qual buscava legitimação, identificando-se com a cultura tradicional e aristocrática europeia. Assim, para os membros da elite, *A Estação* expressava a fantasia de identificação cultural com a Europa. Para os setores médios, *A Estação* alimentava as aspirações de ascensão social ao patamar da elite (SILVA, 2015, p. 113).

Sobre o suplemento literário, encontramos, também no editorial da primeira edição, o seguinte posicionamento dos editores: “na parte agradável e recreativa, devíamos torná-lo nosso e assim o fizemos. Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade [...]” (*A ESTAÇÃO*, 1879, p. 1). Ou seja, o suplemento era “nosso”, não se tratando, tal como o caderno de modas, de uma tradução. Dentre as “pessoas de reconhecida habilidade”, estavam escritores bastante reconhecidos à época e que, hoje, integram o cânone literário brasileiro, tais como Machado de Assis,

---

<sup>6</sup> A escrita das crônicas especificamente para a edição brasileira pode ser verificada nos primeiros anos de circulação d’*A Estação*. A partir de meados da década de 1880, no entanto, os textos passam a ser traduzidos da *La Saison*. Além disso, o nome da seção passa a variar entre “Chronica da moda” e “Correio da moda”, até que, em 1890, o nome “Correio da moda” se estabiliza.

Júlia Lopes de Almeida, Artur Azevedo, Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira.

Apesar de ser tratado, tanto pela crítica quanto pelos próprios editores, como “parte literária”, esse suplemento não contemplava apenas textos literários, abarcando gêneros e temáticas diversas, como conselhos de etiqueta, informações sobre higiene e passatempos. Todavia, a seção “Litteratura”, destinada aos gêneros em prosa e que tinha Machado de Assis como seu principal colaborador, era um dos pilares do periódico, o que pode indicar uma tentativa de ampliação de público leitor, como já sugere o subtítulo do periódico – jornal ilustrado para a família. Desse modo, ainda que o público-alvo permaneça sendo as mulheres, há uma possibilidade de diversificação de leitores.

As seções que compõem o suplemento literário atestam o direcionamento para o público feminino, visto que priorizam assuntos reconhecidos à época como próprios às mulheres, como afazeres domésticos e eventos sociais. Entretanto, há tensionamentos na linha editorial d’*A Estação*, pois, paralelamente, eram desenvolvidas discussões que transcendiam os limites do nicho da “revista de moda e literatura”; na edição de 31 de maio de 1888, por exemplo, é publicado um texto em comemoração à abolição da escravidão no Brasil. Assim, não só podemos pensar na possibilidade de que os homens também liam *A Estação*, talvez escudados pela “desculpa” de que assinavam a revista para suas esposas, como conseguimos projetar uma leitora interessada por assuntos para além da moda e da literatura amena, interessada por questões políticas e por textos literários que desafiavam as convenções folhetinescas – nesse sentido, destaca-se, por exemplo, a quantidade de obras machadianas reconhecidas por sua complexidade que figuraram nas páginas da revista, como “Capítulo dos chapéus”, “O alienista”, *Casa velha*, *Quincas Borba*, dentre outras.

Durante sua trajetória, *A Estação* tornou-se uma forte referência para as mulheres que buscavam na publicação as orientações de elegância e bom gosto e para o público interessado em literatura, chegando a alcançar uma tiragem de dez mil exemplares, segundo texto assinado pelo editor Henrique Lombaerts (*A ESTAÇÃO*, 1883, p. 52). Por conta dos problemas econômicos que o Brasil enfrentou com a passagem da Monarquia para a República, *A Estação*, ao que tudo indica, entrou em um período de



desestabilização financeira, com aumento constante dos preços, novas parcerias no comando da folha e uma mudança de editora – a partir de 1896, A. Lavignasse Filho & Cia passou a ser responsável pelo periódico. Todas essas modificações culminaram, em 1904, no encerramento d'*A Estação*, tendo seu último número publicado em 15 de fevereiro.

### 3. A comemoração do terceiro centenário de Camões n'*A Estação*

Na edição do dia 30 de maio de 1880, em meio ao suplemento literário d'*A Estação*, encontramos o seguinte aviso (fig. 4):

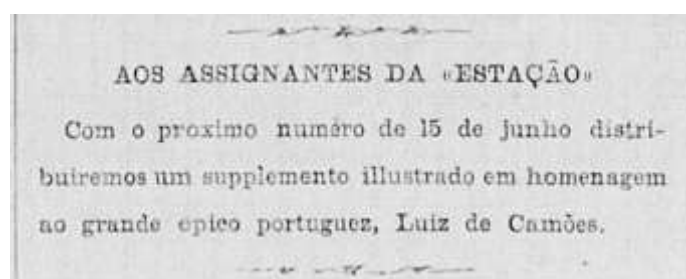


Figura 4 – Aos assinantes d'*A Estação*<sup>7</sup>

A relevância que o terceiro centenário de Camões assumiu na cena cultural brasileira pode explicar os editores d'*A Estação* considerarem importante anunciar que o periódico participaria das homenagens prestadas ao poeta. Além disso, ao direcionar o comunicado aos assinantes, e não às assinantes – como era feito em várias outras ocasiões – é possível que os editores estivessem tentando angariar novos leitores para a folha, chamando atenção para o fato de que *A Estação*, assim como outros periódicos que veiculavam textos literários, também abarcava autores renomados e não publicava apenas textos voltados para o público feminino.

Um dado curioso é que, tempos antes desse comunicado, em 31 de março de 1880, o *Jornal do Commercio* publica, na seção “Gazetilha” (JORNAL DO COMMERCIO, 1880, p. 1), a notícia de que, no dia 10 de junho, *A Estação* distribuiria um número extraordinário em homenagem a Camões. Como podemos averiguar por meio do comunicado aos assinantes, a homenagem acabou por não sair em um número extraordinário, mas junto à edição do dia 15 de junho; apesar disso, a nota divulgada no

---

<sup>7</sup> Fonte: A ESTAÇÃO, 1880a, p. 109.

*Jornal do Commercio* demonstra que a Lombaerts estava planejando o suplemento comemorativo com antecedência, o que sugere cuidado e apuro com a escolha dos textos, dos colaboradores, das gravuras e da diagramação.

Junto à edição do dia 15 de junho de 1880, pois, *A Estação* lança um suplemento especial, dedicado a Luís Vaz de Camões. Contando com doze páginas<sup>8</sup>, em vez das quatro usuais, o suplemento, como já indicava o comunicado supracitado, apresenta belas ilustrações (fig. 5), além de uma variedade de textos escritos por diversos autores.



Figura 5 – Terceiro centenário de Camões<sup>9</sup>

No topo da segunda página do suplemento, temos a lista dos 54 colaboradores que participam da edição comemorativa (fig. 6). Dentre eles, alguns dos mais reconhecidos intelectuais brasileiros do século XIX, como Machado de Assis, Sílvio Romero e Joaquim Nabuco<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Esta informação é fornecida em um texto publicado na edição do dia 30 de junho de 1880 (que será mencionado no prosseguimento deste artigo). No site da Hemeroteca Digital Brasileira <memoria.bn.br>, plataforma pela qual realizei a leitura d'*A Estação*, encontramos disponíveis dez páginas do suplemento comemorativo, e não doze. É possível que as páginas faltantes tenham se perdido ou estejam em estado muito deteriorado, não tendo sido possível efetuar a digitalização do material.

<sup>9</sup> Fonte: *A ESTAÇÃO*, 1880b, n. p.

<sup>10</sup> Dentre os colaboradores, encontramos dois que já haviam falecido: Álvares de Azevedo (1831 – 1852) e Casimiro de Abreu (1839-1860). Desse modo, ambos podem ser classificados como colaboradores involuntários, “cuja produção foi selecionada pela redação ou remetida por terceiros e estampada sem o conhecimento do produtor original, categoria que também engloba os recém ou de há muito falecidos, bem como as novidades das livrarias” (LUCA, 2018, p. 139). Ademais, é importante ressaltar que o elenco de colaboradores que contribuiu com o suplemento comemorativo contemplava redatores de diversos periódicos – fluminenses ou não –, contando, inclusive, com o nome de Ferreira de Araújo, um dos diretores da *Gazeta de Notícias*.

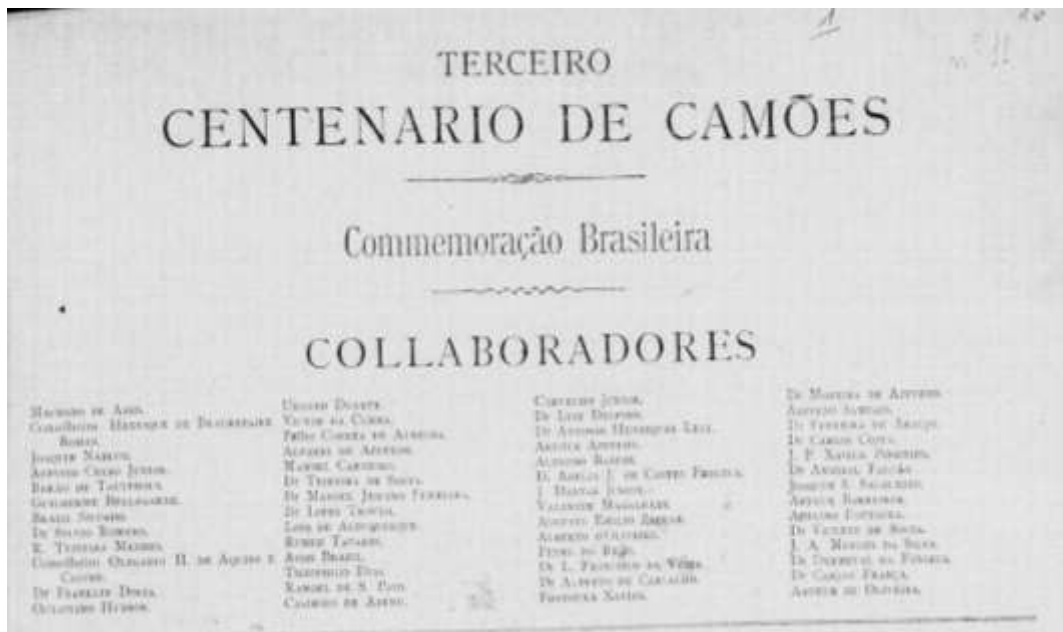


Figura 6 – Colaboradores do suplemento comemorativo<sup>11</sup>

Um diferencial em relação a outras edições do suplemento literário d’*A Estação* é o fato de que, ao final dos textos, é feita uma reprodução litográfica das assinaturas dos colaboradores, denotando maior requinte com este suplemento em específico (fig. 7). Com extensão variada, as homenagens prestadas são realizadas por meio de comentários e especialmente poemas, o que proporciona, portanto, uma diversidade de gêneros e tipos de abordagem em relação ao tema. Contudo, algumas questões são recorrentes, sendo discutidas por diferentes colaboradores.

<sup>11</sup> Fonte: A ESTACÇÃO, 1880b, p. 1.

AMENOR-se hoje o diccionario da morte... A epica de proferimento de defensas e memora...

Para sempre em palmas separadas...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

E a lenda de Philippe II de Castella em 1578... a guerra do Brasil...

Para sempre, sempre de novo sempre...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Viva o rei Dom Henrique...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

E a lenda de Philippe II de Castella em 1578... a guerra do Brasil...

Para sempre, sempre de novo sempre...

Ant. B. ...

CAMÕES

De patria ante te agreda talenentia... O povo de lusitania trahi... Tu esportas, tu fides certans...

De patria ante te agreda talenentia... O povo de lusitania trahi... Tu esportas, tu fides certans...

CAO o decimo-tercio aniversario do ar... Portugal, posses, almas se de mar e...

O mundo, a terra, a posteridade... A ventura e a gloria... Para sempre em palmas separadas...

Ant. B. ...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

E a lenda de Philippe II de Castella em 1578... a guerra do Brasil...

Para sempre, sempre de novo sempre...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Viva o rei Dom Henrique...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

E a lenda de Philippe II de Castella em 1578... a guerra do Brasil...

Para sempre, sempre de novo sempre...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

o mundo, a terra, a posteridade... A ventura e a gloria... Para sempre em palmas separadas...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

E a lenda de Philippe II de Castella em 1578... a guerra do Brasil...

Para sempre, sempre de novo sempre...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

E a lenda de Philippe II de Castella em 1578... a guerra do Brasil...

Para sempre, sempre de novo sempre...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

E a lenda de Philippe II de Castella em 1578... a guerra do Brasil...

Para sempre, sempre de novo sempre...

Camões morreu de uma doença, e se levantou... quando morreu, como sempre se levantou...

Uma vez sempre a terra e floresta patria...

Figura 7 - Página do suplemento comemorativo 12

Como seria previsível, apesar de os textos líricos serem mencionados, *Os Lusíadas* é o protagonista, sendo referido direta ou indiretamente pela maior parte dos autores. O poema épico é a grande obra de Camões, é seu legado, é o motivo pelo qual o autor está sendo homenageado. Justamente pelo foco no épico, um ponto recorrente é a comparação de Camões com Homero. Guilherme Bellegarde e Moreira de Azevedo afirmam que Camões é o “Homero das línguas vivas” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 1-6). Artur Azevedo, em um verso de soneto, escreve que o poeta é “irmão de Homero” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 5), enquanto Francisco da Veiga, também em um poema, trata-o como “Lusitano Homero” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 6). Por meio desses exemplos, podemos observar que a legitimidade da proeminência de Camões se assentava, em boa medida, no reconhecimento de similaridades entre seu épico e a epopeia de Homero. Como declara Arthur Barreiros, “comemora-se hoje o tricentenário da morte do primeiro poeta do mundo moderno e a figura mais luminosa desta opulentíssima língua portuguesa, que ele fixou e imortalizou nas sublimes estrofes da epopeia homérica” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 8).

O fato de Camões ter escrito um épico em língua portuguesa é de extrema importância para os colaboradores d’*A Estação*. Se, por um lado, ele é visto como um “poeta universal”, por outro, a questão do idioma está relacionada à eternização de Portugal, ao amor à pátria. Teixeira Mendes explica, em um breve comentário, como se dá essa aparente contradição:

A obra de Luís de Camões foi a idealização do concurso prestado pelos povos da península ibérica, não só à compreensão da humanidade pelas expedições marítimas, como a *evolução sentimental* própria do ocidente. Isso faz dele um poeta universal.

O modo porém pelo qual realizou esse grande pensamento, idealizando a nacionalidade portuguesa, exige a especial veneração dos povos de nossa raça (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 2, grifo do autor).

Camões seria, portanto, um poeta da humanidade, visto que retratou um momento decisivo para a história da civilização ocidental. Todavia, concomitantemente, *Os*

---

<sup>12</sup> A ESTAÇÃO, 1880b, p. 8.

*Lusíadas* exalta a nação portuguesa, tornando-se um louvor à pátria. Sobre tal dicotomia, Augusto Zaluar, em um texto no qual trata de sua experiência de leitura da obra camoniana, conta-nos que

Camões foi o poeta predileto da minha juventude, e representava então para mim um século, uma pátria, uma grande e generosa nacionalidade. Hoje é ainda o meu épico favorito; mas seu poema tomou tais proporções no meu espírito assombrado, que se me afigura mais do que tudo isto, pois o considero um dos verdadeiros poetas da humanidade, entre o passado e o futuro das civilizações do mundo. Os *Lusíadas* são como os livros sagrados, um hino e uma profecia, circunstanciaram a alma nacional, e traçaram com Vasco da Gama os novos roteiros que os povos e as nações tinham ainda de percorrer na superfície desconhecida das terras e mares (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 5).

Assim sendo, em linhas gerais, de acordo com os colaboradores d'*A Estação*, Camões é universal, mas também é nacional; é patriota, mas também é do mundo; canta a civilização ocidental, mas também homenageia seu povo.

Ao tratar do amor à pátria dispensado por Camões ao escrever *Os Lusíadas*, alguns colaboradores apontam que o Brasil deve, assim como Portugal, ser englobado no patriotismo camoniano. O Conselheiro Henrique de Beurepaire Rohan afirma que, apesar de o Brasil estar politicamente separado de Portugal, “Camões é nosso como o é de Portugal, como o é de todos os povos que falam a língua a que tanto realce deu o autor dos *Lusíadas*” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 1). Desse modo, a língua portuguesa aparece como fator determinante, é o que nos aproxima e nos faz, também, herdeiros de Camões. Complexificando um pouco mais a questão, o texto de Sílvio Romero, intitulado “A influência de Camões no Brasil”, aborda o tema da colonização. Na visão de Romero,

Este país começou a ser colonizado quando se ia fechando o ciclo das grandezas, das vitórias e do velho heroísmo português. Diante das raças bárbaras e ferozes, como a negra e a vermelha, os portugueses não podiam nem deviam apresentar-se como um povo decadente. Era necessário ocultar, até certo ponto, a realidade e este prestígio deve-se aos... *Lusíadas*. Foi este livro que, mostrando os heróis da pátria em todo o vigor de força e prestígio, espalhou entre os colonos o amor e admiração pelo *ninho seu paterno*. As novas gerações que se iam formando no Brasil eram alimentadas pelo mesmo espírito, e na *língua que com pouca corrupção latina*, também memoravam as grandezas lusitanas. Camões para o mundo colonial português deve ser contado como um dos fatores de seu progresso, sua coesão e amor à *mãe pátria* durante três séculos (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 2, grifos do autor).

Não tratando, aqui, das ideologias racistas às quais Romero se alinhava, é possível apontar que o argumento do autor centra-se na hipótese de que, tendo a época áurea das navegações acabado para Portugal, o passado histórico evocado por *Os Lusíadas* fez com que a metrópole mantivesse seu prestígio perante os povos colonizados, lastreando o seu domínio. Camões, portanto, seria um dos responsáveis pelo progresso das colônias, visto ter disseminado amor e admiração pelos heróis lusitanos. Com isso, Romero alça a obra de Camões a uma importância que ultrapassa o âmbito cultural, atribuindo ao texto literário a capacidade de unificar e glorificar nações. Creio que muito da perspectiva de Romero se deve ao gênero escolhido por Camões, visto que o épico se presta à construção de mitos moldados por meio de uma narrativa vitoriosa, tal como a trajetória de Vasco da Gama cantada em *Os Lusíadas*.

Por ser um tanto *sui generis*, a biografia do autor de *Os Lusíadas* também foi tematizada pelos colaboradores. Segundo Maria Vitalina Leal de Matos, “é costume dizer-se que pouco se sabe da vida de Camões” (MATOS, 2011, p. 80), pois, ainda que haja documentação considerável sobre a vida do poeta, há disputas e apagamentos em que podemos observar a interpenetração entre mito e história. Sabe-se que Camões foi desterrado de Lisboa, supostamente por conta de seus amores por Caterina de Ataíde, uma dama do paço da rainha D. Catarina<sup>13</sup>. Obtendo a comutação de sua pena pela prestação de dois anos de serviço militar em Ceuta, no norte do continente africano, o poeta perde um dos olhos em circunstâncias pouco esclarecidas, provavelmente em combate.

Ao retornar a Lisboa, em 1549, Camões leva uma vida boêmia, entre namoros e aventuras que, segundo Wilhelm Storck, “obrigaram o brioso e desesperado valentão [...] a desembainhar mais do que uma vez a espada, ora desafiando ora desafiado” (STORCK, 1898, p. 419). Esse comportamento resulta em sua prisão, em 1552, após agredir Gonçalo Borges, funcionário da Monarquia. No ano seguinte, o poeta parte para a Índia, também a serviço militar, ficando afastado de Portugal por dezessete anos. Nesse período, que teria sido marcado pela falta de dinheiro e de recursos, Camões passou por diversas cidades asiáticas e sobreviveu a um naufrágio em que,

---

<sup>13</sup> Há uma versão, contestada veementemente por Matos (2011), em que a amada do poeta seria a Infanta D. Maria, filha de D. Manuel I.

supostamente, salvou os originais de *Os Lusíadas*. Após alguns percalços, consegue, em 1572, publicar seu poema épico, o que lhe garante uma pensão de 15 mil réis anuais concedidos por D. Sebastião, rei português a quem *Os Lusíadas* foi dedicado. Com essa renda, sustenta-se, ainda que com alguma dificuldade, até sua morte, em 10 de junho de 1580.

Camões, portanto, teria tido uma vida de pobreza e padecimento, além de não ser reconhecido apropriadamente pela escrita de *Os Lusíadas*. Os autores que contribuíram com a edição comemorativa d'*A Estação*, por sua vez, salientam o contraste entre os problemas vivenciados por Camões durante a vida e a glória atingida após a morte. Dantas Júnior, por exemplo, escreve que “enche três séculos a história de Camões: o primeiro matou-o à fome, o segundo estudou-o... Eu felizmente pertencço aquele que melhor o compreendeu e mais o admira” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 5). Olegário de Aquino e Castro aponta que as homenagens a Camões são justas, ainda que tardias, e que o “presente resgata com generosidade uma dívida do passado” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 2). O soneto de Correia de Almeida caracteriza Camões como um pobretão e proletário, que passou fome e foi vítima de um martírio (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 3). Rubem Tavares, por seu turno, tenta justificar as provações enfrentadas por Camões, “é que tua pátria não atingira teu imenso saber. Hoje as nações cultas te celebram e a humanidade te acorda do túmulo para incorporar-te” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 3).

A partir dessas reflexões, os colaboradores apresentam diferentes perspectivas perante a seguinte questão: o reconhecimento póstumo seria capaz de vingar o sofrimento em vida? O poema escrito por Teófilo Dias indica uma resposta afirmativa: “Bem hajas tu, oh, Glória, que sublime/ Vingas de sobra a vítima do crime” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 4). Já o poema de Xavier Pinheiro aponta para uma ideia diferente: “Agora séculos três se completaram/ A dívida sagrada acaso é paga?/ Não; porque seu valor multiplicaram/ Os anos: tal dever nunca se paga” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 7). Por outro lado, o soneto de Machado de Assis, que assim como o poema de Xavier Pinheiro apresenta um jogo de perguntas e respostas, encaminha-se para outra interpretação. “Nobrememente sofreu? Como homem forte./ Esta imensa oblação? É-lhe devida./ Paga? Paga-lhe toda a adversa sorte” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 1).



A vingança é tematizada, também, por outros colaboradores. Carlos França faz uma reflexão acerca do destino que, talvez arrependido, “vingou o gênio desventurado e arrependido. A vingança foi solene” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 8). Mendes da Silva, por sua vez, inicia e finaliza seu texto com se seguinte frase: “Estás vingado, Camões!” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 8). O poema de Valentim Magalhães, inclusive, recebe o título de “A vingança de Camões”; contudo, a leitura do eu-lírico é que o próprio Camões vingou-se ao tornar Portugal imortal. “A vida foi pedir-te, ó Portugal!/ ó pátria que ele amou!/ deste-lhe a morte,/ e ele vingou-se assim: fez-te imortal!...” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 5). Já Demerval da Fonseca expõe uma opinião um tanto polêmica, na qual parece naturalizar o reconhecimento tardio da figura de Camões, argumentando que não seria tão tardio assim.

Houve quem dissesse algures, referindo-se aos que ora se agitam e congregam para celebrar o tricentenário do grande épico: “Só agora, depois de trezentos anos, é que começam a admirá-lo...”.  
Parece-me que antes mais razão teria o que dissesse: “Há só trezentos anos... e já começam a venerá-lo” (A ESTAÇÃO, 1880b, p. 8).

A partir do que foi aqui exposto, podemos tomar esse debate como amostra dos posicionamentos da intelectualidade brasileira acerca de Camões, de sua obra e do poema épico em língua portuguesa. O poeta lusitano é elaborado discursivamente como uma figura mítica que sintetizaria a nacionalidade portuguesa e sua heroicidade é reclamada como herança pelos brasileiros, cuja identidade é construída a partir da perspectiva do colonizador. A ambivalência entre o caráter nacional e universal de *Os Lusíadas* se prestaria para a constituição de um marco fundacional da literatura em língua portuguesa, visto que seu teor nacional, por mais acentuado que seja, não obstrui uma significação “universal”, chancelada pelas traduções do poema para outros idiomas, conforme apontam Beurepaire Rohan, no Brasil, e Teófilo Braga, em Portugal.

No número seguinte à edição comemorativa, publicado em 30 de junho de 1880, Camões permanece sendo o principal tema abordado pelos colaboradores do suplemento literário d’*A Estação*. Além de um poema escrito por Adelina A. Lopes Vieira, intitulado “Terceiro centenário de Camões”, no qual a autora aborda temas como o exílio e a miséria sofrida pelo poeta português, duas seções se destacam no que tange as homenagens a Camões. Em “As festas a Camões”, é feita uma exposição dos eventos

realizados no Rio de Janeiro, afirmando-se que “foram deslumbrantes as festas celebradas na capital do Brasil em comemoração ao terceiro centenário de Camões” (A ESTAÇÃO, 1880c, p. 128). Já na seção intitulada “Publicações do centenário (registro)”, há uma listagem das diversas publicações, entre livros e periódicos, que homenagearam Camões, além de uma descrição de seu conteúdo. Um dos pontos mais interessantes dessa seção é o comentário sobre o próprio suplemento comemorativo d’*A Estação*, havendo, portanto, uma autorreferência.

*Comemoração brasileira do terceiro centenário de Camões*, publicada pelos editores Lombaerts & C. oferecida como prêmio aos assinantes da *Estação*. São doze páginas de grande formato, papel de luxo e tipo renaissance.

Na primeira página há uma gravura representando uma lira amparando um livro aberto, onde se leem a estância X do canto 1º e a LXXXII do canto 7º dos *Lusíadas*.

Em seguida veem artigos em prosa e verso, com a reprodução litográfica das assinaturas dos Srs Machado de Assis, Henrique de Beaurepaire [...]¹⁴

Traz mais duas gravuras: um retrato de Camões, pelo artista Augusto Off; e uma alegoria do professor Medeiros – *O Tempo levando os Lusíadas à Imortalidade*¹⁵ [fig. 8].

No fundo da última página vê-se o emblema dos editores que traz o seguinte dístico:

*Tu cogitas, ego vulgo* (A ESTAÇÃO, 1880c, p. 128 grifos do original).

A partir desse texto, temos uma valiosa informação acerca do conteúdo das duas páginas que compunham o suplemento em homenagem a Camões mas não estão disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira. Uma seria a página de abertura, com a gravura representando uma lira. A outra seria a última página, com o emblema dos editores. Com isso, conseguimos reconstituir as lacunas que o tempo e as condições materiais nos impuseram.

Ademais, ao elencar a comemoração d’*A Estação* junto às homenagens prestadas por periódicos consagrados, como o *Jornal do Commercio*, os editores reforçam a ideia de que *A Estação* era mais do que uma revista de moda, sendo, assim como a *Gazeta de Noticias* ou a *Revista Illustrada*, capaz de produzir um conteúdo diverso e “culturalmente relevante”. Vale apontar que, assim como *A Estação* referiu outros periódicos, ela também foi mencionada por eles, o que demonstra sua integração

¹⁴ Aqui, são citados todos os colaboradores do suplemento comemorativo.

¹⁵ Há um equívoco na indicação do título da alegoria; no suplemento comemorativo, consta “O tempo levando os Lusíadas à posteridade” (ESTAÇÃO, 1880b, n. p.).

ao conjunto seleto de veículos da imprensa fluminense que se sobressaíam em relação à proliferação de folhas menores, geralmente de vida efêmera e mantidas pelo aporte financeiro de órgãos político-partidários, agremiações ou mesmo indivíduos.

Se o público-alvo d'A *Estação* era, grosso modo, a fração feminina das classes medianas e abastadas, podemos considerar a existência de um procedimento dialético de promoção e autopromoção subjacente nesta edição comemorativa: ao oferecer um conteúdo esteticamente sofisticado, que exigiria das leitoras certa bagagem e trânsito pelos clássicos da literatura portuguesa e por um repertório histórico-cultural bastante específico, a revista se elevava como um periódico dirigido a um público culto, compartilhando de sua distinção. As leitoras, por sua vez, deparam-se com a oportunidade de acompanhar um tipo de debate que costumava estar fora do escopo de discussão considerado próprio para o público feminino.



Figura 8 – “O tempo levando os *Lusíadas* à posteridade”, do Professor Medeiros<sup>16</sup>

### Considerações finais

Celebrado cedo, celebrado tarde, o ponto que fica patente nos comentários publicados no suplemento d'A *Estação* em homenagem ao tricentenário de Camões é a

---

<sup>16</sup> Fonte: A ESTAÇÃO, 1880b, n. p.

grandiosidade do poeta, animada com uma tragicidade que reverbera, inclusive, o imaginário cristão, tendo em vista seu suplício em vida e sua glória após a morte. A imagem de Camões, fundida à de sua obra, é mobilizada no intuito de se atingir determinados fins. Se no caso português, comentado ao início deste artigo, há uma cooptação de sua figura na atuação da militância republicana contra a Coroa, no caso brasileiro há um esforço de apropriação do poeta como um “antepassado espiritual” nosso que, ao elevar a língua portuguesa e a nossa antiga Metrópole, legitima a nossa literatura e a nossa nação.

Os editores d’*A Estação*, por sua vez, ao elaborarem uma edição comemorativa ao terceiro centenário de Camões, acabam por sugerir possíveis projetos e objetivos em relação ao periódico. Podemos interpretar essa edição especial como uma maneira de consolidar *A Estação* como uma revista, também, de literatura, visto que o suplemento literário ainda poderia ser uma novidade para parte do público, pois, talvez, as pessoas associassem a Lombaerts apenas à *La Saison*. Além disso, ao dedicar um suplemento a um autor canônico, reconhecido mundialmente por escrever um poema épico, gênero menos acessível do que os contos geralmente publicados na folha, os editores estavam fazendo um convite a novos assinantes, talvez almejando uma ampliação do público leitor. Por fim, à celebração a Camões subjaz a ideia de que a literatura em língua portuguesa, tal como a literatura inglesa ou francesa – tão reconhecida na época por conta de autores como Victor Hugo e Gustave Flaubert –, contava com escritores notórios, competentes e habilidosos. Logo, ao valorizar a literatura de língua portuguesa e, conseqüentemente, a literatura nacional, *A Estação* era legitimada enquanto periódico que se propunha a veicular um suplemento literário “nosso”.

### **Referências bibliográficas**

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro, p. 1, 15 jan. 1879. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709816/1>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro, 31 maio 1880a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709816/321>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro, 15 jun. 1880b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709816/332>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família. Rio de Janeiro, 30 jun. 1880c. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709816/351>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

A ESTAÇÃO: jornal ilustrado para a família, Rio de Janeiro, p. 52, 15 mar. 1883. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709816/1113>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BRAGA, Teófilo. **As modernas ideias na literatura portuguesa**. Porto: Chadron, 1892. 2. v. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=90076>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. III Centenário da morte de Camões (1880). In: AGUIAR E SILVA, Vitor (Coord.). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/17069>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 8, 10 jun. 1880. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_02/771](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_02/771)>. Acesso em: 31 mar. 2020.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, p. 1, 31 mar. 1880. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_07/521](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_07/521)>. Acesso em: 31 mar. 2020.

LUCA, Tania Regina de. **A Ilustração (1884-1892):** circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. Biografia de Luís de Camões. In: AGUIAR E SILVA, Vitor (Coord.). **Dicionário de Luís de Camões**. São Paulo: Leya, 2011. p. 80-94.

MEYER, Marlyse. Estações. In: MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1993.

SANDMANN, Marcelo Corrêa. As comemorações do tricentenário de Camões no Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 59, p. 197-205, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2848/2330>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. **Machado de Assis do folhetim ao livro**. São Paulo: NVersos, 2015.

STORCK, Wilhelm. **Vida e obras de Luis de Camões:** primeira parte. Versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1898.